

O SER ENFERMEIRO OBSTETRA NO CUIDADO AO PARTO

The obstetrical nurse-being in childbirth care

Clara Cássia Versiani¹, Aline Késia Rodrigues², Tereza Cristina Bretas Silva³,
Ana Paula Ferreira Holzmann⁴, Danielle Fagundes Souto⁵

RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender o ser enfermeiro obstetra na assistência ao trabalho de parto e parto. Utilizou a abordagem qualitativa, fenomenológica e Heideggeriana. Foram depoentes cinco enfermeiras obstétricas. A técnica de coleta dos depoimentos foi a entrevista fenomenológica. As informações foram submetidas à análise compreensiva. Os achados do estudo revelaram que prestar assistência a mulheres em trabalho de parto e parto para enfermeiras obstetras no cotidiano do trabalho é determinado pelo cuidar do ser-paciente, que tem o diferencial da humanização. Ficou evidente que a relação enfermeira obstetra com o profissional médico ocorre de forma ambígua. Acreditamos que novas pesquisas, à luz da filosofia de Martin Heidegger, possam ser viabilizadas porque na ótica existencialista os fenômenos não se esgotam em uma perspectiva, mas se modificam a cada olhar.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem Obstétrica; Cuidados de Enfermagem; Humanização da Assistência; Pesquisa Qualitativa; Trabalho de Parto.

INTRODUÇÃO

Em sua origem e evolução histórica, a assistência ao parto era de responsabilidade feminina e apenas as parteiras realizavam esta prática nos domicílios, embasadas

ABSTRACT

The study objective is to understand the obstetrical nurse-being, in providing care during labor and childbirth. It used a qualitative, phenomenological, and Heideggerian approach. The respondents were five obstetric nurses. Depositions were collected using the phenomenological interview technique. The information was submitted to interpretation analysis. The findings of the study revealed that rendering assistance to women in labor and childbirth, for obstetrical nurses in their daily work routine, is defined by taking care of the patient-being, which is distinguished by humanization. It was evident that the relationship of the obstetrical nurse and the medical doctor works in an ambiguous way. We believe that new research studies, considering Martin Heidegger's philosophy, can be made possible, because in the existentialist view, the phenomena don't run out in one perspective, but instead change at each glance.

KEYWORDS: Obstetrical Nursing; Nursing Care; Humanization of Care; Qualitative Research; Labor in Childbirth.

unicamente por experiência e, apesar de não possuir conhecimento científico, eram reconhecidas pela sociedade.¹

No Brasil, o ensino da obstetria iniciou-se nas faculdades de Medicina em 1832 e este era denominado curso de "partos". Somente após 90 anos, o ensino de enfermagem

¹ Clara Cássia Versiani, Professora Assistente do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Mestre em Ciências da Saúde; Enfermeira Obstetra do Hospital Universitário Clemente Faria (UNIMONTES). E-mail: <claraversiani@bol.com.br>

² Aline Késia Rodrigues, Enfermeira graduada pela Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES-MG. Brasil.

³ Tereza Cristina Bretas Silva, Especialista em Enfermagem do Trabalho, Professora Assistente da Escola de Enfermagem da UNIMONTES-Montes Claros-MG. Brasil

⁴ Ana Paula Ferreira Holzmann, Mestre em Ciências da Saúde/Enfermagem, Professora Assistente da Escola de Enfermagem da UNIMONTES-Montes Claros-MG. Coordenadora do Curso de Enfermagem das Faculdades de Saúde Ibituruna/FASI- Montes Claros-MG. Enfermeira do Programa DST/AIDS da Prefeitura Municipal de Montes Claros-MG.

⁵ Danielle Fagundes Souto, Especialista em Enfermagem em UTI, Chefe de departamento da Escola de Enfermagem da UNIMONTES/Montes Claros-MG. Professora Assistente da Escola de Enfermagem da UNIMONTES-Montes Claros-MG.

surgiu, incluindo a arte de enfermeira em obstetrícia e ginecologia no programa do seu primeiro currículo.¹

Atualmente, a especialização em enfermagem obstétrica tem sido incentivada pelas políticas nacionais de saúde, inclusive pelo Ministério da saúde, devido à compatibilidade dessa formação com as tendências contemporâneas de atenção à gestação, ao parto e ao puerpério, contribuindo para a conquista de maiores espaços e visibilidade na assistência prestada ou, até mesmo, pelo impacto acadêmico que pode proporcionar em relação ao corpo de conhecimento da área.²⁻³

O Ministério da saúde demonstrou o seu apoio à enfermagem obstetra através da portaria nº163, de 22 de setembro de 1998, na qual atribuiu ao enfermeiro a possibilidade de emissão de laudos de internação e inclusão desse profissional na tabela de pagamento no SUS, bem como da portaria nº 985, de agosto de 1994 que criou o Centro de Parto Normal (CNP) e definiu o enfermeiro obstetra como membro necessário na composição da equipe. Mais recentemente, em 2009, como uma forma de valorização e reconhecimento dos partos domiciliares, foi criada a portaria nº 116 que regulamentou e ampliou a competência das enfermeiras obstétricas, obstetritz e parteiras tradicionais na emissão de declaração de Nascimento por profissionais de saúde nos partos domiciliares.²

As competências do enfermeiro obstetra vão além do enfermeiro generalista, pois cabe a ele prestar assistência à parturiente e ao parto normal, a identificação de distorcias e tomada de providências até a chegada do médico, bem como realizar episiotomia e episiorrafia com aplicação de anestesia local, quando necessária.²

A enfermeira obstetra tem se tornado cada vez mais solicitada em sua atuação, por exercer um papel imprescindível na atenção durante o pré-natal, parto e puerpério, além de sua participação ativa na formulação e desenvolvimento de políticas relacionadas com o contexto da obstetrícia.³

Nesse contexto, por meio das vivências com esse profissional surgiu a motivação para este estudo, pois o enfermeiro obstetra tem sido reconhecido, pelo Ministério da Saúde e outros órgãos não governamentais, como o profissional que possui formação holística e procura atuar de forma humanizada no cuidado à parturiente tanto nas casas de parto como nas maternidades.¹

A enfermagem busca retomar e considerar o homem em sua totalidade existencial e é a partir desse pressuposto que a ontologia existencial de Martins Heidegger possibilita a compreensão de alguns aspectos de existir desses enfermeiros, pois são seres-lançados-no-mundo que convivem e compartilham experiências, uma vez que nenhuma

pessoa existe se não for com algo ou com alguém, isto é, ex-sistencial do ser.⁴

Assim emergem as seguintes inquietações: Qual o significado de ser enfermeiro obstetra na assistência ao trabalho de parto e parto no bloco obstétrico do Hospital Universitário Clemente Faria? Como o enfermeiro obstetra vivencia esse cuidado? Qual o tipo de participação nessa assistência?

O setor saúde tem investido em medidas que incentivam a participação de Enfermeiras obstetras no período gravídico-puerperal e isso se deve ao reconhecimento da assistência de qualidade e humanizada prestada à mulher. Nesse contexto, este estudo é relevante para saúde pública, uma vez que a enfermagem lida diretamente com o ser humano, dele se aproxima de uma maneira ímpar e a proposta fenomenológica é muito pertinente ao seu cotidiano vivencial; além de contribuir para o bom desenvolvimento do trabalho do parto, proporcionando à mulher o bem estar físico e emocional, o respeito à privacidade, a segurança e conforto, aliado ao apoio familiar, para que o nascimento seja transformado em um momento único e especial. Assim, este estudo tem como objetivo compreender o que significa para os enfermeiros obstetras do Hospital Universitário Clemente Faria (HUCF) prestar assistência a mulheres em trabalho de parto e parto.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo, com base no método fenomenológico, que permite a apreensão de um determinado fenômeno que diz respeito tanto ao comportamento humano quanto às experiências vividas, favorecendo a interpretação, a compreensão dos sentidos, bem como a interação entre as pessoas.⁵

O estudo foi realizado no Bloco Obstétrico da Maternidade Maria Barbosa do HUCF da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

Essa maternidade tem um percurso significativo no processo de humanização da assistência materno-infantil em que a qualidade de atenção à mulher implica em um esforço integrado e sinérgico dos gestores para oferta de serviços que garantam um atendimento integral marcado pela competência profissional e utilização de tecnologia apropriada disponível, envolvendo acolhimento, informação e aconselhamento, além do relacionamento com as usuárias que abrange o respeito aos direitos das cidadãs. É referência regional para atendimento de gestantes de alto risco, soropositivas e portadoras da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Possui 15 leitos para

puerpério, seis para intercorrências clínicas e três para isolamento - totalizando 24 leitos. Possui ainda seis leitos para hotelzinho, onde puérperas que já estão de alta hospitalar permanecem junto aos recém-nascidos retidos no hospital e um posto de coleta de leite humano. O bloco obstétrico contém três pré-partos e parto (PPs), salas de parto convencional e parto vertical.

Esse complexo tem sofrido constantes modificações e reestruturações em sua estrutura física para um melhor acolhimento das usuárias e das famílias. Além disso, conta uma equipe multiprofissional que assiste essas mulheres em trabalho de parto e parto, e como integrante dessa equipe o enfermeiro obstetra está presente.

Foram sujeitos da pesquisa cinco enfermeiras obstétricas que prestam assistência as mulheres no Bloco Obstétrico do HUCF.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista fenomenológica, que permite ao observador “penetrar” nos objetos “vivos”. É pela metodologia fenomenológica que se pode mostrar, descrever e compreender os motivos presentes no fenômeno vivido, que se mostram e se expressam através da entrevista empática. Além de fazer a descrição dos correlatos noético-noemáticos, ou seja, sujeito-objeto, a fenomenologia preocupa-se em mostrar como se dá a constituição de sentido pelo sujeito. Portanto procura captar a forma de o indivíduo “vivenciar o mundo”.⁶

Para obter êxito no direcionamento do estudo, foi estabelecido um roteiro, o qual foi composto de duas seqüências: a primeira composta por dados de identificação como idade, sexo, tempo de atuação como enfermeira e como enfermeira obstetra, carga de trabalho exercida no HUCF e se atua em outra instituição; a segunda composta das seguintes questões norteadoras: O que significa para você como enfermeiro obstetra prestar assistência no Bloco Obstétrico a mulheres em trabalho de parto e parto? Há quanto tempo você atua como enfermeira obstétrica? Como é a sua autonomia em relação aos outros profissionais que atuam na assistência ao trabalho de parto e partos?

Após permissão e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) das enfermeiras, utilizamos um gravador portátil a fim de garantir a integralidade das falas durante a realização da entrevista, favorecendo o registro minucioso da conversação que posteriormente foi utilizado no processo da análise compreensiva dos depoimentos.

Os dados foram coletados após aprovação do comitê de ética da UNIMONTES, parecer número 2559 e aquiescência dos participantes ao assinar o TCLE, respeitando

os preceitos éticos da resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 196\96. Na análise compreensiva foi utilizado pseudônimo de pedras, em função da valorização do sujeito em sua integralidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A relação do Dasein na vivência do prestar assistência a mulheres em trabalho de parto e parto.

Compreender a enfermeira obstetra que presta assistência a mulheres em trabalho de parto e parto sob uma visão fenomenológica é buscar apreendê-la em um mundo circundante e no seu relacionamento com outros entes humanos e consigo mesmo.

Assim, os discursos das enfermeiras desvelaram o seu modo de ser-no-mundo ao vivenciarem a experiência de prestar assistência a mulheres em trabalho de parto e parto, conforme manifestado a seguir:

[...] sinto bem realizada porque eu posso participar no cuidado direto numa área que eu escolhi por ter bastante afinidade (Diamante)

[...] a gente sente realizada com o trabalho que a gente faz com a assistência que a gente faz (Rubi)

Pra gente é bom porque você presta aquela assistência, acompanha o trabalho de parto dando apoio que a mulher precisa (Ágata)

Significa uma oportunidade de eu como enfermeira obstetra está mais presente no cuidado (Diamante)

[...] quando a gente tem a oportunidade de fazer o parto, acompanhar a mulher durante o parto, a assistência pré-parto e parto é muito bom (Rubi)

... gostaria de assistir mais partos do que eu tenho assistido (Diamante)

É pelo cuidado que se faz a esse ser-paciente que a enfermagem se projeta e se mantém como profissão. É pelo cuidar que a profissão expressa e manifesta no seu corpo de conhecimento, de habilidades e atitudes. É pelo cuidar que a enfermagem cria e recria a própria cultura do cuidar, que é na sua essência ética.⁸

Existir é cuidar de ser, é exercer o poder de ser-si-mesmo em qualquer situação que se vivencia no coti-

diano. O ser-no-mundo que é essencialmente cuidado – cuidado-de-si- mesmo e cuidado-de-ser-com-outros. Na coexistência, o modo de ser se preocupa com outro, e é tratado por solicitude (preocupação), como nos relatos abaixo.⁸

[...] fazendo as avaliações que são necessárias para o bom desenvolvimento do trabalho de parto (Ágata)

Promover os métodos não farmacológicos que a gente tem disponível para alívio da dor (Ágata)

[...] ela fica mais tranquila porque tem umas que ficam muito ansiosas no trabalho de parto e com a presença da gente dando apoio, falando as manobras que a gente pode fazer para ajudar na dor, isso facilita para ela (Esmeralda)

[...] a gente ver que o trabalho de parto fica menos intenso quando a gente está ajudando e auxiliando (Esmeralda)

Diante desses relatos, pode se pensar que, nas ações de enfermagem, existe, de um lado, o ser-paciente e, de outro, o ser-enfermeiro, ambos trazendo em sua essência o cuidado. Dessa forma, permite uma comunicação, enfermeiro/paciente, em que cada um encontra o constante estado de cuidado-consigo-mesmo e de solicitude-para-com-o-outro.⁸

Portanto foi compreendido que o lado ser-paciente se manifesta ao proporcionar alívio da dor, dar apoio à mulher e contribuir para o bom desenvolvimento do trabalho de parto, enquanto o lado ser-enfermeiro é desvelado no ato de cuidar, no qual é caracterizado por um processo interativo com fluência de energia criativa emocional e intuitiva como mostra os relatos abaixo.

Às vezes a gente se emociona junto com a mãe e junto com os familiares (Turquesa)

[...] É muito estressante... às vezes dá algum problema (Turquesa)

É muito gratificante ser enfermeira obstetra... (Rubi)

É muito importante e gratificante (Esmeralda)

O cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo com o outro.⁹

O cuidado do ser no cotidiano do trabalho das enfermeiras obstetras durante o trabalho de parto e parto

A enfermagem tem procurado, no cotidiano do trabalho, cuidar do ser considerando sua totalidade, deixando de lado aquele ser fragmentado que, muitas das vezes, revela apenas como depositário de seu fazer. Um cuidar sustentado no conhecimento objetivo, técnico – científico e numa relação sujeito-objeto esvaziada de qualquer natureza expressiva.⁷

Para esse autor, o sentido de cuidar em enfermagem deve ser vislumbrado como uma forma de ver o ser-paciente como um ser holístico, com um atendimento humanizado e diferenciado. Essa afirmação está contemplada na seguinte fala:

[...] a assistência obstetra feita pelo enfermeiro tem o diferencial principal da humanização e então eu me sinto bem realizada em relação a isso (Diamante)

Compreendemos com esse relato que a enfermeira obstetra, ao prestar assistência, considera o ser-mulher em sua dimensão que se constitui de modo indivisível e integrado e não apenas considera o aspecto biológico, ou seja, vê a mulher como ela se apresenta, através de um contato integral, interessando-se tanto pelo o que a competência técnica possibilita, como pelo o que a sensibilidade apreende, porque esse ser é histórico, é pensante e traz consigo a concepção de totalidade humana que vai muito além da matéria biológica.

Na relação sujeito profissional e sujeito cliente é possível conhecer o prestar assistência de enfermeiras obstetras de maneira singular, favorecendo dessa forma como se dá sua participação ativa em sua vivência. Nesse contexto, o estar-com pode se dar não apenas como procedimento técnico, mas como uma conduta de escuta, por um olhar compreensivo, para que a mulher se sinta confortável e haja valorização dos seus anseios na vivência do trabalho de parto e a parto. Dessa forma, o estar-com das enfermeiras obstetras constitui as seguintes afirmações:

[...] ausculta de BCF, dinâmica uterina, administra medicações, fazer as orientações quanto à deambulação (Ágata)

[...] quando se presta esta assistência fica mais fácil identificar as distorcias quando elas aparecem, e a correção destas distorcias pode culminar no sucesso ou não do trabalho de parto (Ágata)

[...] Algumas medidas a gente não pode intervir muito, mas acompanhar esta mulher em trabalho de parto, fazer o parto dela a gente pode (Rubi)

A assistência da enfermeira obstetra no trabalho de parto ajuda no desenvolvimento no aconselhamento que a gente dá (Esmeralda)

[...] tem ora que nós não temos tanto espaço, mas assim, na assistência sim,... a gente atua, olha BCF, ausculta o bebê, então isso não tem problema nenhum, na atuação do parto em si (Esmeralda)

a gente não tem muita autonomia com relação à assistência ao parto aqui não ao pré-parto a gente tem (Rubi)

Esse modo de proceder com os entes envolventes dentro do mundo é chamado “cuidar” e, ontologicamente, há uma distinção essencial entre o modo indiferente no qual as coisas acontecem juntas, ao acaso. É o modo em que os entes que são com-os-outros não se interessam por eles. Assim, o cuidar, em relação aos modos, tem dois extremos possíveis: pode-se, por assim dizer, que tomar “conta” do outro ou colocar-se em posição de cuidar; pode-se “saltar sobre o outro”.¹⁰

Em contraste a esse modo, há outro estilo de solicitude, que não consiste em “saltar sobre o outro, mas se antecipar a ele em sua existencial possibilidade-para-ser”. Um modo em que não se protege o outro, mas em que, antes disso, faz-se com que ele se volte para si mesmo autenticamente.¹⁰

Coerente com esta ideia, este estudo revela que as enfermeiras obstetras devem evoluir para um cuidado “autêntico” com a mulher em trabalho de parto e parto, levando a possibilidade-para-ser, ou seja, chegar a compreensão de que a relação entre profissional de saúde e cliente deve levar a mulher a ser condutora de sua vida e saúde.

O ser e a técnica no processo de trabalho da enfermeira obstetra

De acordo com o pensamento heideggeriano, o ser sob a forma da técnica provoca no homem a atitude técnica. Para ele, a essência da técnica é uma forma da verdade, uma maneira de o ente se nos revelar, é também uma maneira do ser se nos revelar.¹¹ Essa essência é perceptível através do seguinte relato:

[...] este espaço ele é conquistado no dia a dia de trabalho quando você demonstra uma segurança técnica e competência técnica e científica para ta exercendo esta função (Diamante)

Por sua vez, é do trabalho que a figura do trabalhador recebe seu sentido, se identifica com o ser. “Ser” significa,

desde os primórdios da antiguidade grega até os últimos tempos, estar presente (presenciar). Partindo deste pressuposto, é através da experiência do dia-dia (presenciar) que o enfermeiro obstetra se identifica como um “Ser” e assume uma feição técnica.

Construindo, juntos, as ações do cuidado: Relação enfermeiro obstetra e o profissional médico no cotidiano do trabalho

A fenomenologia volta-se para compreensão do que constitui um grupo social que vive em situação típica e não por atos singulares e com consciência de si. O mundo cotidiano não é um mundo individual, mas intersubjetivo, o qual compartilhamos com nossos semelhantes, sendo um mundo comum a todos nós.¹² Com o objetivo de evidenciar esta afirmação, temos o seguintes relatos:

[...]na maioria dos plantões existe esta liberdade a gente faz as discussões de casos... (Ágata)

[...] as decisões muitas vezes é decididas em conjunto, é sugerido (Ágata)

[...]en tenbo então uma certa autonomia, mas não é assim... as decisões são compartilhadas e eu prefiro que seja assim... (Diamante)

O “com” é uma determinação da presença. O “também” significa a igualdade no ser enquanto ser-no-mundo que se ocupa dentro de uma circunvisão.⁸ Nesse sentido, este estudo nos revela que, na vivência, na relação profissional/profissional, médico e enfermeira são entendidos como seres existenciais e não categorialmente, dentro de uma circunvisão, ou seja, são profissionais diferentes com o objetivo comum “também”, construir juntos as ações do cuidado a mulheres em trabalho de parto e parto, enfim, é um mundo compartilhado.

Em contrapartida, esse mesmo autor diz que essa convivência recíproca funda-se de maneira exclusiva, ou seja, constitui uma ocupação comum.⁸ Assim, essa convivência recíproca, daqueles que se empenham na mesma coisa, pode, muitas vezes, levar, dessa assistência, esses seres-no-mundo a alimentar-se, muitas das vezes, somente de desconfiança.

Tem alguns pouquíssimos plantonistas que não gostam que enfermeira obstetra assista ao parto (Ágata)

Tem alguns profissionais médicos que têm uma abertura maior à assistência da enfermeira obstetra com relação a fazer o parto em si, com relação ao acompanhamento a gente não tem nenhuma restrição (Ágata)

A maioria dos plantonistas com quem eu trabalho me dão autonomia mesmo pra acompanhar o trabalho de parto e fazer o trabalho de parto (Turquesa)

Tem alguns profissionais médicos que têm uma abertura maior à assistência da enfermeira obstetra com relação a fazer o parto em si, com relação ao acompanhamento... a gente não tem nenhuma restrição (Ágata)

A gente percebe que a gente tem parcialmente tem autonomia (Ágata)

[...]a gente não tem muita autonomia com relação à assistência ao parto aqui não ao pré-parto a gente tem (Rubi)

[...] a gente é pouco valorizada (Rubi)

Embora os profissionais de saúde se apresentem como sujeitos, são considerados entes-profissionais, “como cada um e como outro”, visão na qual seu modo de ser é dissolvido nos outros e a possibilidade de diferença desaparece.⁸

Assim, na cotidianidade, encontramos-nos, na maioria das vezes, no modo de ser da inautenticidade, sendo-nos necessário quase que como um desafio constante, estabelecermos uma relação autêntica com o outro⁸, favorecendo, assim, as enfermeiras obstetras a liberdade de decidir a sua atuação no cuidado à mulher de acordo com sua necessidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fenomenologia propiciou a compreensão de que o significado de prestar assistência para enfermeiras obstetras estava associado ao ato de cuidar, que lhes proporciona o sentido de existir.

Assim, consoante com o referencial de Martin Heidegger, através da hermenêutica, houve o desvelamento da vivência determinada pelo cuidar do ser, em que o ato de prestar cuidado ao ser-paciente que dá a existência à enfermagem como profissão.

Ficou evidente ainda que a assistência prestada pelas enfermeiras obstetras tem o diferencial da humanização. Sendo assim, o cuidado constitui a essência do ser em

sua condição existencial que permite uma comunicação enfermeiro-paciente que se manifesta com a emoção e preocupação com o “outro”.

O fenômeno estar-com das enfermeiras obstetras, ficou desvelado na sua vivência no cotidiano de trabalho, através da assistência prestada durante o trabalho de parto e parto, que se configura na forma de “salta sobre o outro” que assume o encargo que é do outro de cuidar de si mesmo. Dessa forma, as mulheres em trabalho de parto e parto tornam-se dependentes do cuidado. Sendo assim, este estudo dá subsídio à implementação de uma assistência autêntica, na qual a mulher também é reportada a cuidar de si.

Este estudo mostrou que a feição técnica é adquirida no dia e dia de trabalho, com a vivência (presenciar) e é, a partir daí, que o “ser” se identifica.

Ficou evidente ainda que a relação profissional estabelecida entre as enfermeiras obstetras e os profissionais médicos se dá de forma ambígua, pois pode se manifestar como um mundo intersubjetivo, no qual as decisões e atitudes são compartilhadas, enquanto ser-no-mundo dentro de uma circunvisão ou, devido à convivência recíproca, a relação pode alimentar-se de desconfiança, influenciando assim na autonomia das enfermeiras obstetras.

Nesse contexto, surge a necessidade de que enfermeiras obstetras e médicos, profissionais de saúde que prestam assistência à mulher em trabalho de parto e parto, repensem o modo profissional de ser-com, buscando assumir um poder-ser autêntico nas oportunidades que a assistência à saúde nos oferece.

O desafio que propomos é aprofundar no estudo da fenomenologia que pode fornecer subsídios relevantes para o prestar assistência na prática da enfermagem. Acreditamos que novas pesquisas à luz da filosofia de Martin Heidegger, incluindo temas do ensino e do assistir em enfermagem, possam ser viabilizadas, ainda mais porque, na ótica existencialista, o significado do ser não é algo acabado, pois os fenômenos não se esgotam em uma perspectiva, mas se modificam a cada olhar.

REFERÊNCIAS

1. Moura FMJSP, Crizostomo CD, Nery IS, Mendonça RCM, Araújo OD, Rocha SS. A humanização e a assistência de enfermagem ao parto normal. Rev Bras Enferm. 2007; 60(4).
2. Winck DR, Bruggemann OM. Responsabilidade legal do enfermeiro em obstetrícia. Rev Bras Enferm. 2010; 63(3).

3. Monticelli M, Bruggemann OM, Santos EKA dos, Oliveira ME de, Zampieri M de FM, Gregório VRP. Especialização em enfermagem obstétrica: percepções de egressas quanto ao exercício profissional e satisfação na especialidade. *Texto Contexto Enferm*. 2008; 17(3): 482-91
4. Silva ARB, Merighi MAB. Compreendendo o estar com câncer ginecológico avançado: uma abordagem heideggeriana. *Rev Esc Enferm USP*. 2006; 40(2).
5. Moreira DA. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Thompson Pioneira; 2004
6. Carvalho AS. Metodologia da entrevista: uma abordagem fenomenológica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir; 1991.
7. Graça EM, Santos GF. Metodologia do cuidar em enfermagem na abordagem fenomenológica. *Rev Esc Enferm USP*. 2009; 43(1):200-7.
8. Heidegger M. *Ser e Tempo*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; 2008.
9. Boff L. *Saber cuidar. Ética do Humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes; 2004.
10. Heidegger M. *Todos nós ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Moraes; 1981.
11. Giles RT. *Historia do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU; 1989.
12. Freitas GF, Oguiso T, Merighi MAB. Motivações do agir de enfermeiros nas ocorrências éticas de enfermagem. *Acta Paul Enferm*. 2006; 19(1): 76-81.

Submissão: Fevereiro/2012

Aprovação: Junho/2012
